



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 23/08/19

BRASIL	2
PRECIOS FIRMES EN LAS PRINCIPALES PLAZAS GANADERAS	2
BRASIL AUMENTA PRODUCCIÓN DE CARNE VACUNA Y SE ENCAMINA A ROMPER SU RÉCORD	2
ESTADOS UNIDOS A LA ESPERA DEL INFORME SOBRE AUDITORÍA A FRIGORÍFICOS BRASILEÑOS	2
DIGITALIZAN AUDITORÍA SOBRE REGISTROS GENEALÓGICOS	2
EMISIONES DEL SECTOR AGROPECUARIO BRASILEÑO SON 0,83% DEL TOTAL MUNDIAL	3
INDONESIA: EVALÚAN EL ACCESO DE CARNES BRASILEÑAS	4
PROGRAMA DE CARBONO NEUTRO EN LA PRODUCCIÓN DE CARNE	6
INCENDIOS EN EL AMAZONAS DISPARAN ALERTA EN EL MUNDO	8
URUGUAY	9
CON ESCASA OFERTA DE GANADOS DE CAMPO, EL MERCADO DEL GORDO SE MANTIENE ESTABLE	9
EL REGRESO DE LOS NOVILLOS	9
BRASIL OFRECE CARNE VACUNA MÁS BARATA PARA ABASTO LOCAL	10
ANALIZAN LA IMPORTACIÓN DE CARNE BOVINA ARGENTINA	10
CARNE URUGUAYA CONQUISTA MÁS RESTAURANTES EN CHINA	11
CARNE TERMINADA A GRANOS CON MAYOR DEMANDA EN CHINA	12
TRAS DEMORAS POR COMBUSTIBLE, FINALMENTE PARTE A CHINA EL BARCO CON GANADO EN PIE	12
PARAGUAY	13
PARAGUAY: PRODUCCIÓN Y EXPORTACIONES DE CARNE VACUNA SE RECUPERARÁN EN 2020 SEGÚN EL USDA	13
FRIGORÍFICO CONCEPCIÓN LOGRÓ HABILITACIÓN PARA VOLVER A EXPORTAR CARNE A RUSIA	13
PARAGUAY PREPARA LA DELEGACIÓN EMPRESARIAL QUE PARTICIPARÁ EN ANUGA	13
UNION EUROPEA	14
BREXIT COSTARÍA A LA AGRICULTURA DE GRAN BRETAÑA UNOS 950 MILLONES DE EUROS	14
IRLANDA: DISCUTEN PALIATIVOS ANTE UNA POSSIBLE CRISIS POR EL BREXIT	14
FRANCIA E IRLANDA SE OPONEN AL ACUERDO ENTRE LA UE Y MERCOSUR	15
ESTADOS UNIDOS	16
NCBA CONTESTA ANTE LA CAÍDA DEL MERCADO POR INCENDIO DE PLANTA DE TYSON	16
USMEF – PERSPECTIVAS PROMISORIAS EN FILIPINAS	16
AUSTRALIA	16
EXPORTACIONES DE CARNE DE AUSTRALIA DIERON UN SALTO EN VALOR EN 2018-2019	16
CHINA CRECIÓ COMO DESTINO FAVORECIDO POR LA PREFERENCIA ARANCELARIA DE AUSTRALIA	17
MERCADO CHINO TRIPLICARÍA EXPORTACIONES DE CARNE GRAINFED	17
VARIOS	17
CHINA PERDIÓ 32,2% DE SU STOCK DE CERDOS	17
COREA DEL SUR EXPORTA CARNE PREMIUM A HONG KONG	18
JAPÓN CONSUMO Y LAS IMPORTACIONES DE CARNE VACUNA SEGUIRÁN FIRMES	18
EMPRESARIAS	18
EMPRESA ADP CARNE CON DATOS GANA ESPACIO EN UE	18
GRUPO JBS REAFIRMÓ PLANES DE EXPANSIÓN	19



BRASIL

Precios firmes en las principales plazas ganaderas

23/08/2019

Frigoríficos têm dificuldade de preencher escalas de abate

Preço da arroba segue firme nas principais praças pecuárias do país

Nesta quinta-feira, o preço da arroba do boi gordo segue firme nas principais praças pecuárias, informa a Agrifatto.

Neste cenário, os frigoríficos mostram dificuldades em preencher as escalas de abate para o próximo mês, tanto pela menor disponibilidade de animais prontos neste momento, quanto pela resistência da ponta vendedora em aceitar os valores propostos, relata a consultoria.

No curto prazo, a disponibilidade deve continuar restrita e, combinado com a aproximação da virada do mês, o mercado pode registrar um cenário de preços mais fortalecidos pela arroba.

Ontem (22/ago), o indicador Esalq/B3 ficou em R\$ 155,05/@, alta de 0,23% no comparativo diário. Na B3, o contrato para outubro/19 foi o mais negociado do dia, com fechamento em R\$ 160,30/@ – alta de 0,10 pontos ante o fechamento anterior.

Brasil aumenta producción de carne vacuna y se encamina a romper su récord

19/08/2019 - En los últimos doce años corridos a junio la producción superó 8,1 millones de toneladas.

La faena y producción de carne vacuna en Brasil marca un incremento, que responde, básicamente, a la evolución cíclica y natural de la ganadería, pero más allá de las oscilaciones, también experimenta una tendencia de base creciente en su producción, comentó a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados.

Según publicó el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística, en el segundo trimestre del año – abril, mayo y junio – la faena superó los 8 millones de vacunos, lo que representa una suba del 4% con respecto al mismo trimestre del año pasado.

Tardáguila dijo que debido al aumento del peso de las carcasas frente al 2018, la producción de carne fue 5,5% superior y superó las 2 millones de toneladas en el último trimestre.

En los doce meses corridos hasta junio, Tardáguila señaló que Brasil se encamina a romper el anterior récord de producción de carne que data del año 2014, cuando procesó más de 8,2 millones de toneladas, unas 100 mil más que los registros del último año a junio. “Es factible que lo supere en algunos de los próximos trimestres”, sumó.

ESTADOS UNIDOS a la espera del informe sobre auditoría a frigoríficos brasileños

23/08/19 - por Equipe BeefPoint A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, disse nesta quinta-feira esperar que os EUA enviem até o fim deste mês o relatório sobre uma missão sanitária americana que visitou frigoríficos brasileiros em junho com vistas a levantar o embargo às exportações brasileiras de carne bovina in natura, que já dura dois anos.

Técnicos do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) estiveram no Brasil por 18 dias para inspeções em plantas de seis Estados: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Em sua passagem pelo país, também auditaram laboratórios da rede pública federal e visitaram regionais do serviço de inspeção animal nacional.

“Estamos esperando o relatório e a nossa esperança é que até fim de agosto eles mandem. Esse mercado foi fechado por culpa do setor e essa foi uma lição doída”, disse a ministra em entrevista ao Valor.

O resultado da missão é muito aguardado pelos frigoríficos brasileiros, que estão desde junho de 2017 sem exportar carne fresca aos EUA. O país suspendeu os embarques após detectar abscessos (inflamações) em carregamentos de carne bovina provenientes do Brasil. Neste ano, com a viagem do presidente Jair Bolsonaro a Washington e a aproximação entre os países, há a expectativa de que o mercado americano seja reaberto.

Tereza também informou que técnicos do serviço veterinário do Vietnã estão fazendo inspeções no Brasil desde a última segunda-feira e devem ficar por 12 dias com a intenção, num primeiro momento, de autorizar exportações brasileiras de gado em pé. Há a possibilidade de futuramente, porém, eles habilitarem também frigoríficos brasileiros de carne bovina in natura. Por outro lado, os vietnamitas querem vender seu camarão ao Brasil.

Digitalizan auditoría sobre registros genealógicos

20/08/19 - por Equipe BeefPoint Associações de Criadores registradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) já podem inserir as informações estatísticas, de funcionamento e de recebimento dos procedimentos de auditoria de forma 100% digital. Com a transformação digital do procedimento de Auditoria do Serviço de Registro Genealógico de Animais, o governo federal pretende



melhorar a gestão, ter economia de recursos e promover a transparência. Estima-se que as associações irão economizar quase R\$ 300 mil por ano.

A modernização do serviço é mais um resultado da parceria entre os ministérios da Economia e da Agricultura, que foi o primeiro órgão a assinar um plano de integração dos serviços à plataforma gov.br. Entre as principais vantagens da transformação digital, está a possibilidade de redistribuir o processo de análise documental entre as unidades e, assim, agilizar as auditorias diminuindo custos com diárias e deslocamentos pelo ministério.

Após a análise documental, o interessado é informado por correio eletrônico se as informações estão conformes ou se é necessária alguma ação. Por meio do gov.br, os usuários conseguem acompanhar o andamento das auditorias e, ainda, selecionar ser notificado durante todas as etapas do processo.

O secretário de Governo Digital, Luis Felipe Monteiro, destaca que a equipe da Secretaria de Defesa Agropecuária percebeu desde o início o potencial transformador da iniciativa. “É fundamental fazer uma transformação do Estado, tornar acessível tudo que é possível em formato digital, formato que cidadãos e empresas possam ter acesso à informação a qualquer hora, de qualquer lugar”, disse.

Registro Genealógico

O procedimento de Auditoria do Serviço de Registro Genealógico de Animais faz parte do portfólio das ações institucionais do Mapa, que visa fortalecer uma ferramenta importante para a conservação genética dos animais, para a incorporação de melhorias da produtividade animal e para promover robustos incrementos na agropecuária brasileira como um todo.

O serviço de registro genealógico animal é feito hoje por 45 associações registradas no Mapa. Existem mais de 300 mil cabeças registradas – do total de 230 milhões presentes no Brasil. Esse serviço começou a ser feito no Brasil como parte de um acordo entre diversas nações ainda em 1865. O trabalho tem se mostrado de grande importância para o controle genético dos rebanhos e para o aumento da produtividade nos últimos anos.

O registro genealógico permite que os produtores cruzem indivíduos mais resistentes no campo, com maiores índices de produtividade ou que possam gerar maior número de descendentes em um menor intervalo de tempo, por exemplo.

“Essas ações são realizadas pelo Departamento de Saúde Animal e se mostram peças fundamentais da chamada “pecuária de precisão”, adotada pelos produtores brasileiros para incrementar os seus índices produtivos”, explica o auditor fiscal federal agropecuário da Secretaria de Defesa Agropecuária, Romero Teixeira.

A “pecuária de precisão” incorpora sistemas que são capazes de armazenar e controlar um grande número de informações colhidas no campo e transformá-las em um banco de dados que possibilita prever as necessidades de um rebanho, ou até de políticas públicas. Também auxilia na tomada de decisões de forma mais acurada e sustentável, tudo isso partindo das informações fidedignas e auditadas de genealogia e dos índices zootécnicos dos animais registrados ou controlados.

Em 2018, o Mapa realizou mais de 40 auditorias, nas associações de criadores registradas, com uma equipe de 11 auditores fiscais federais agropecuários, distribuídos em dez estados.

Emisiones del sector agropecuario brasileño son 0,83% del total mundial

21/08/19 - por Equipe BeefPoint Das 49 gigatoneladas de gases de efeito estufa emitidos pelo mundo todo, 2,59% são emitidos pelo Brasil e apenas 0,83% pelas atividades agropecuárias do país. Os dados foram compilados pelo chefe de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Pecuária Sudeste (São Carlos-SP), Alexandre Berndt, um dos organizadores da Conferência internacional sobre Gases de Efeito Estufa e Agricultura Animal (7ª GGAA), realizada de 4 a 10 de agosto em Foz do Iguaçu (PR).

O evento reuniu cerca de 150 especialistas em emissões de gases de efeito estufa do mundo todo. Berndt apresentou lá dados atualizados sobre as emissões brasileiras. Segundo ele, o país está em sétimo lugar no ranking de emissões, com um volume bem menor que grandes potências mundiais. “Isso mostra que nossa agropecuária não impacta tanto assim, que ainda há espaço para melhorar a pecuária praticada aqui em termos de sustentabilidade e que a pesquisa está sempre buscando formas de equilibrar essa balança”, afirmou.

O pesquisador Sérgio Raposo de Medeiros, também da Embrapa Pecuária Sudeste, resumiu em um artigo técnico os principais pontos tratados na conferência (leia aqui).

CULTURA E SOCIEDADE

Além da questão econômica e ambiental, a produção de carne envolve outros aspectos que foram mencionados durante o evento. Quem valorizou os benefícios nutricionais dos produtos de origem animal foi Michael Lee, pesquisador do Rothamsted Research, do Reino Unido.

“Ele fez a palestra de encerramento e relatou que a carne tem um valor intrínseco que vai além da economia. Falou sobre os componentes nutricionais da carne e do leite, como ácidos graxos, cálcio, ferro. Se a carne é considerada ‘vilã’ quando se fala em meio ambiente, quando as tecnologias conseguem



neutralizar as emissões de gases de efeito estufa, a balança se equilibra. Quando se abordam esses valores nutricionais, a balança se inverte em favor da pecuária”, comentou Alexandre Berndt.

O pesquisador também tratou dos valores culturais – sempre que pessoas se reúnem para confraternizar, há comidas e bebidas envolvidas. A carne é uma delas. “E tem a questão social, os empregos que as cadeias produtivas geram e a aptidão da terra que muitas vezes se presta apenas para a pecuária como fonte de renda”, afirmou Berndt.

A conferência aconteceu no hotel Golden Park Foz e incluiu palestras de alto nível sobre a emissão de gases de efeito estufa, além de três visitas técnicas externas. Os participantes estiveram na Itaipu Binacional, onde visitaram a área interna e conheceram a estrutura de geração de energia; no PTI (Parque Tecnológico de Itaipu), onde verificaram a produção de biogás; e no distrito de Entre Rios, onde observaram um projeto de geração e distribuição de biogás que evita o acúmulo de nutrientes no lago de Itaipu, aumentando sua vida útil em dez anos. “A previsão inicial era que a capacidade do lago seria suficiente para gerar energia por 169 anos. Agora esse número subiu para 179 anos”, disse Berndt.

INDONESIA: Evalúan el acceso de carnes brasileñas

22 August 2019 Brazil has been cleared to supply beef to Indonesia – the world’s 8th largest beef export market and Australia’s 5th largest in 2018.

Brazil has been working on access for a number of years but the pathway was cleared after buffalo meat from India, another country not free from Foot-and-Mouth Disease (FMD), was approved back in 2016.

Indonesia is free from FMD and is an important market for Australia, particularly the northern cattle industry, however strong beef demand growth in Indonesia will eventually outstrip Australia’s capability to supply all segments. The entry of Brazil will apply competitive pressure to Australia but both will continue supplying into an ever-expanding beef market.

The Indonesian market

Australia shipped a broad array of products to Indonesia in the 2018-19 financial year, including A\$689.8 million of live cattle, A\$274.4 million of frozen beef, A\$48.4 million of chilled beef and A\$105.9 million of beef offal, making it worth a record A\$1.12 billion and the fifth most valuable market for the Australian cattle industry.

The growth of Australian exports to Indonesia has been underpinned by the expansion of an affluent consumer class: the number of households earning in excess of US\$35,000 per annum (those that can afford imported beef in their diet) increased 83% during the last five years, to 1.15 million in 2018, and is expected to increase three-fold over the next five.

Brazil has been expanding its footprint in Asia but has been restricted from markets, notably Japan and Korea, due to its FMD status. It has expanded its presence in South East Asia, in particular the Philippines, but has mostly focused on growing a beef trade with China.

Read more: [Brazilian beef still booming despite June breather](#)

What impact did Indian buffalo meat have?

Before determining the significance of Brazilian beef’s newfound access, it’s important to assess the impact Indian buffalo meat had and the broader balance of beef supply in Indonesia.

Indian buffalo meat is one of the cheapest proteins on the global market and sets the price floor for commodity beef. Given India’s FMD status, imports into Indonesia are managed through permits and by state owned importers and distributors. Indian buffalo meat is able to provide consumers access to more affordable protein, retailing at the government reference price of IDR 80,000/kg (~A\$8.30/kg) although a vendor may opt to also sell some higher priced units. In comparison, fresh beef is currently retailing in wet markets for IDR 120,000/kg (~A\$12.40/kg or a 50% premium to buffalo).

Prior to the entry of Indian buffalo in late 2016, the five-year annual average beef import volume was 53,000 tonnes swt and Australian boxed beef accounted for almost three quarters of that. As highlighted below, the arrival of Indian buffalo saw the imported beef market more than double over the following two years and surge in 2019 but not at the expense of Australian shipments. While feeder cattle exports declined in 2017 and 2018, this was more a reflection of tight supply, high feeder cattle prices and tough trading conditions, rather than Indian buffalo undercutting the market (in both years export feeder cattle prices to Indonesia remained near record highs).

Over the last twelve months, a surge in Indian buffalo imports coincided with an increase in Indonesian boxed beef and offal imports from Australia, and at the same time Australian feeder cattle shipments recovered.

While an affluent consumer class is quickly emerging in Indonesia, Australian beef remains out of reach for the vast majority of consumers. Hence, instead of displacing Australian beef and cattle in Indonesia, cheap Indian buffalo provided an affordable alternative which allowed the market to expand, with consumers trialling more red meat.

According to the latest FAO data, protein consumption in Indonesia averaged 61 grams per person per day in 2011-2013, ranking it 141/175 countries and trailing the likes of Australia on 105 grams. In addition, the



World Bank estimates 10% of the population remains below the poverty line and approximately 1 in 3 children are stunted. As the Indonesian population continues to swell, it will need to expand its protein supply either through domestic or imported means.

While small on a per capita basis – at an estimated 1.98kg retail weight per person in 2018 – total beef consumption in Indonesia has expanded 24% over the last four years and the OECD-FAO estimate this will expand another 10% over the next five.

Brazil permitted 50,000 tonnes

For now, Brazil has been permitted 50,000 tonnes swt of frozen beef, valid for the next twelve months and to be managed through state owned enterprises. Brazilian beef enters the market, in terms of quality and price, between Indian buffalo and Australian beef and poses a greater competitive threat.

So, what may be expected by Brazil gaining access to Indonesia?

Preliminary modelling by the Centre for International Economics (CIE) commissioned by MLA concluded that the entry of Brazilian beef would have a modest impact upon Australian cattle and beef shipments. Exports will continue to grow in the long term, as Indonesia increasingly requires imports to feed growing consumption needs.

Even with the entry of Brazil, compared to a 2018 baseline, Australian cattle and beef exports are forecast to increase 30% and 87%, respectively, over the coming decade, just 1% and 9% less than they would have been without added competition. In short, the increase in beef demand in Indonesia over the coming decade is expected to more than offset greater competitive pressure from Brazil.

The modelled trade impact from Brazilian access is greater for Australian boxed exports, as the trade can be diverted to a broad array of alternative markets when faced with increased competition. In contrast, the northern cattle export industry heavily relies on Indonesia as a market and has fewer alternative markets to ship cattle.

As modelled by the CIE, compared to the baseline scenario, the entry of Brazilian product is expected to reduce the gross value of national product (beef produced and exported cattle) by 0.33% (or A\$37 million) and diminish net income by about 1.0% (or A\$25 million), than would have otherwise been the case, in 2020.

While not signalling the end of Australia's beef and cattle trade with Indonesia, Brazil's entry marks a dilution of Australia's preferential access advantage and reflects the broader rise of competition from South America in Asian markets.

Australia must remain vigilant and adapt to changing consumer demands

The CIE modelling assumes the fundamental market structures remain the same, such as relative prices, distribution and retail channels, additional competitor access and government policy. However, modelling ten years out cannot capture the full complexity and dynamism of the world. For instance, what if Brazil was given unrestricted access to the market?

As such, the Australian cattle and beef industry must continue to adapt to market conditions and position itself to leverage its comparative advantages, as it cannot compete on price alone.

Australian beef and cattle have some clear advantages to Brazilian beef and Indian buffalo. According to MLA's Global Consumer Tracker*, the three primary motivators of Indonesian shoppers when purchasing beef are halal, freshness and safety in that order – characteristics in which freshly slaughtered imported cattle and chilled imported beef from Australia can own, to varying degrees, but none of which can be truly attributed to Brazilian beef or Indian buffalo.

In addition, Australian beef and cattle will benefit from improved market access upon ratification of the Indonesia-Australia Comprehensive Economic Partnership Agreement (IA-CEPA). Moreover, the Australian cattle industry has a longstanding relationship with the Indonesian trade and MLA is investing in projects to ensure that Australia's integrity systems and brand are recognised and resonate with the consumer.

Read more: Rising demand in Indonesia supported by trade deal

Brazilian beef will likely make inroads in manufacturing segments, notably in popular Bakso ball street food, similar to the space it dominates in the Philippines. In actual fact, this is where the entry of Indian buffalo has had a noticeable impact, with Australian manufacturing beef declining from 39% of exports to Indonesia in 2016-17, to just 24% last financial year (2015-16 is not a fair comparison as secondary cuts trade restrictions were still in place).

Given the manufacturing market in Indonesia is driven by price, relatively expensive Australian product will be challenged to compete. In reality, there will be more significant competition between Australia and Brazil in frozen secondary cuts. In Malaysia, for instance, Brazilian secondary cuts appear in lower-end foodservice and as mince product in supermarkets and hypermarkets, while in the Philippines primal cuts have a presence in low-tier modern retail.

Many opportunities exist for Australian beef, with a burgeoning middle class of Indonesian consumers earning higher incomes and aspiring to eat better quality red meat – more than 70% affluent Indonesians say they would like to eat more beef in the future (Source: MLA Attractive Cities Study, 2018). Indonesian



consumers already associate Australian beef as being superior, halal and safe, which can be leveraged in segments where Brazil presents direct competition.

Meanwhile, Australian beef must adapt to the consumers of tomorrow, who are seeking premium quality product, underpinned by systems they can trust, but also demanding to know more about the beef they consume, including information on provenance, traceability, welfare and sustainability.

Programa de carbono neutro en la producción de carne

23/08/19 - por Equipe BeefPoint A pesquisadora Fabiana Villa Alves, da unidade Gado de Corte da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), localizada em Campo Grande (MS), se tornou uma espécie de caixeira viajante dos dias atuais. No passado, o termo caixeiro viajante designava um profissional que vendia produtos de fora de onde eles eram produzidos. No caso de Fabiana, 47 anos, somente em 2018 foram 10 viagens internacionais.

A mais recente aconteceu em maio, quando esteve em eventos na Espanha e na França. Nesse país, ela falou durante o 4º Congresso Mundial de Agrossilvicultura, realizado em Montpellier, do qual participaram 1,2 mil delegados de cerca de 100 países interessados em temas como políticas agroflorestais, segurança alimentar, nutrição, adoção de sistemas integrados e mudança climática.

Em todas as ocasiões o discurso de Fabiana é um só: mostrar, lá fora, que o Brasil tem nas mãos um protocolo para medir o sequestro de carbono na pecuária praticada em sistemas integrados de produção, chamado programa Carne Carbono Neutro (CCN). Mas o que é Carne Carbono Neutro? “A CCN é uma marca conceito embasada em protocolos de certificação”, diz Fabiana. “Ela consiste em um conjunto de normas que checam o processo produtivo em propriedades, visando atestar que a carne tem seus volumes de emissão de gases de efeito estufa neutralizados.”

Trocando em miúdos, nos sistemas do tipo agrossilvipastoril (Integração Lavoura-Pecuária-Floresta) ou silvipastoril (Integração Pecuária-Floresta), produzir carne pode ajudar o mundo a ter menos gases de efeito estufa, os temíveis vilões que estão deixando o planeta cada vez mais quente e insustentável do ponto de vista ambiental. E com um diferencial do que já é feito hoje: a CCN bebe na ciência, em dados matemáticos, o que é visível a olho nu. Além disso, o sistema também mede a pegada da chamada Carne de Baixo Carbono, que usa apenas a Integração Lavoura-Pecuária, sem a presença da floresta.

A estimativa é que o Brasil termine 2019 com algo em torno de 14 milhões de hectares em sistemas integrados de produção de carne bovina. Isso pode significar um sequestro de 42,1 milhões de toneladas de carbono estocado nas propriedades. Até 2030, a previsão é de 35 milhões de hectares integrados, o que resultaria em volumes superiores a 100 milhões de toneladas. Para Cleber Oliveira Soares, diretor executivo de Inovação e Tecnologia da Embrapa, é em cima da sustentabilidade que o Brasil pode, de forma única entre os países produtores de proteína animal, capturar valor percebido e agregado. “Nossos sistemas sustentáveis são descarbonizantes nos diferentes modelos de integração, onde a presença de árvores mitiga as emissões entéricas de bovinos ao estocar carbono tanto no solo quanto no fuste”, diz ele. “E nosso gado está essencialmente no pasto, no chamado grass fed beef como base para 95% da produção.”

O País tem hoje um rebanho de 214 milhões de bovinos, abateu 44,2 milhões de animais no ano passado e processou 10,9 milhões de toneladas de carne em equivalente carcaça. No ano passado, o Valor Bruto da Produção (VBP) pecuária foi de R\$ 186 bilhões e a previsão é que chegue a R\$ 200 bilhões neste ano. A produtividade por hectare, que hoje é de 4,5 arrobas, aumentou 176% em relação à década de 1990 e deve aumentar 45% nos próximos 10 anos. O que o programa CNN aponta é que o setor pode valorar esse processo.

As métricas desenvolvidas pela Embrapa mostram que para o tipo mais comum de floresta plantada, o eucalipto, com um hectare cultivado nos sistemas de ILPF ou IPF é possível mitigar, em média, a produção de carne de seis hectares em pastagem solteira, ou seja, no pasto como monocultura. “Com parâmetros científicos internacionais já chegamos à relação de 1 para 9 hectares”, afirma Oliveira.

É por isso que as árvores são essenciais no sistema CCN. Isso porque o processo de estocar carbono no solo ocorre segue um ciclo próprio. São as plantas que sequestram o gás carbônico, ou dióxido de carbono (CO₂), por meio da fotossíntese, e usam esse gás para desenvolver folhas e galhos. Mas cerca de 40% desse sequestro permanece no tronco ou é levado até o solo para alimentar microrganismos necessários ao seu sustento. Assim, com uma floresta em constante crescimento, estocar carbono pode se tornar uma atividade quase industrial. Ele pode, também, ser vendido.

Por ser inédita, a experiência brasileira de integração de sistemas tem chamado a atenção de pesquisadores de várias partes do mundo. Como o inglês Paul Burgerss, professor na Cranfield University que presta consultoria a países como China, Índia, Indonésia, Quênia, Malauí, Ruanda, África do Sul, Uganda e Tanzânia. Há várias citações sobre a “Carbon Neutral Brazilian Beef” em seus trabalhos, como em um deles finalizado em 2017 que envolveu 60 pesquisadores de sistemas agroflorestais.

Para que o selo CCN ganhe definitivamente o mercado e possa ser utilizado resta apenas um passo que depende do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). É ele que aprova a criação e dá o aval para que



as certificadoras reconhecidas internacionalmente auditem os processos nas propriedades rurais. Caberá à Confederação Nacional da Agropecuária (CNA), monitorar o selo CCN.

Para Antonio Pitanguí de Salvo, 54 anos, pecuarista e presidente da comissão nacional da bovinocultura de corte da CNA, a comunicação ao mercado vai ser fundamental para o entendimento do programa. “Ele é mais um referendado da qualidade dos sistemas de integração”, diz ele. “É preciso cuidado para que não haja inversão de raciocínio”, destaca.

A expectativa dos pesquisadores da Embrapa era de que a ministra da Agricultura, Teresa Cristina, assinasse a portaria para a CCN ainda neste mês de junho. À *DINHEIRO RURAL*, no fechamento desta edição, a área técnica do Mapa informou que a análise do programa está em fase final, com previsão de que entre em vigor a partir de julho, com uma chamada pública das certificadoras. Entre as interessadas está o IBD, uma das maiores em orgânicos na América Latina, além várias outras como a RSPO (Roundtable on Sustainable Palm Oil), a UEBT (Union for Ethical BioTrade) e a Rainforest Alliance.

Não foi fácil chegar ao modelo de protocolo para a CCN. A longa trajetória envolveu uma equipe de 14 pesquisadores da Embrapa Gado de Corte durante vários anos (leia mais na pág. 31). Fabiana, que é zootecnista, conta que a primeira ideia nasceu em 2012, dois anos após ter ingressado na Embrapa, quando participava de um congresso internacional silvipastoril na Colômbia, juntamente com outros pesquisadores do órgão. “Lembro que havia um pesquisador da Costa Rica falando de certificações e esse é um país minúsculo”, diz ela. “Eu perguntava como eles podem ganhar dinheiro com isso e a gente com tanto dado científico e grandeza não conseguíamos valorar o processo”.

Os primeiros rascunhos de uma marca foram escritos em um guardanapo de papel, ainda no avião de volta para casa. Foram 3 anos desenvolvendo o conceito, com o lançamento e registro da marca no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), em 2015. “Assim, o arcabouço científico do qual falávamos fazia sentido e podia ser comprovado”, diz Fabiana. A partir disso, para levantar o protocolo foram mais 4 anos, em parceria justamente com o IBD Certificações.

Em linhas gerais, ele mostra como realizar o inventário florestal de uma área, averiguando o crescimento das árvores e seu potencial de acumular carbono. Para isso, a equipe da Embrapa desenvolveu softwares que permitem calcular o estoque de madeira, a quantidade de carbono sequestrado a partir da biomassa das árvores e o CO₂ acumulado em suas partes.

“A vantagem da certificação CCN é que ela não é excludente. O produtor pode ter outras certificações”, diz Fabiana. “Além disso, ela serve para a pecuária de corte e também para o leite, suínos, aves e outras proteínas”. No caso de bovinos, seria possível avançar para Bezerra Carbono Neutro, Couro Carbono Neutro, criando uma série de outros produtos. Para a pesquisadora, esse movimento vai se consolidar nos próximos 10 anos.

Para monitorar os dados e criar os protocolos, a Embrapa Gado de Corte fechou parcerias com produtores para a instalação de 14 Unidades de Referência Tecnológica (URTs), sendo um deles na propriedade de Salvo, da CNA. A primeira foi no grupo Mutum, produtor de carvão vegetal há 40 anos e que hoje planta também eucalipto para celulose.

A pecuária passou a fazer parte do negócio há 15 anos. São 10 mil hectares de florestas e 2 mil hectares em ILPF, para um rebanho de 9 mil animais em ciclo completo e abate de 2,5 mil animais por safra. “A árvore pode ser comparada à vida humana: tem um ciclo com começo, meio e fim”, diz o engenheiro florestal Moacir Reis, 31, diretor do grupo Mutum. “O Centro-Oeste tem um legado ambiental a ser explorado, mesmo que o mercado ainda enxergue a floresta como algo inconsistente.” O grupo já passou por uma pré auditoria para a CCN.

Outro interessado nesse futuro é o grupo Brochmann Pollis, dono de 140 mil hectares de terras entre Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, além de Paraguai e Uruguai. A empresa produz floresta, agricultura e pecuária, com um rebanho de cerca de 100 mil bovinos. Arthur Pollis, 53 anos, CEO do grupo, acredita que o mercado tende a valorizar cada vez mais os produtos ambientalmente mais adequados, inclusive pagando por eles. “Temos ambições quanto à Carne Carbono Neutro e estamos trabalhando neste sentido”, diz. “O futuro da pecuária está na sustentabilidade.” Pollis traça um paralelo entre suas fazendas e o ramo imobiliário no Sul do País, onde fica a sede da empresa. Em 2011, o grupo foi o primeiro a obter a certificação Leed Silver Core & Shell na região para um edifício corporativo. “Trabalhamos para que nossas fazendas e empresas gerem o menor impacto ao meio-ambiente”, afirma Pollis. No caso da construção civil, a certificação Leed reconhece esse trabalho.

MERCADO GLOBAL

A primeira grande batalha da CCN deve passar pela exportação. O mercado global de carne vermelha é de 13,2 milhões de toneladas anuais exportadas. No ano passado, coube ao Brasil 2,2 milhões desse volume. É por isso que os grupos frigoríficos acompanham cada passo da história da CCN. A Minerva Foods começou a analisar a marca em 2016.

Para Taciano Custodio, gerente executivo de sustentabilidade, a exportação seria o caminho mais palpável para esse tipo de selo. “Inicialmente, se destinaria a mercados de nicho que priorizam ou valorizam produtos com atributos de sustentabilidade, como alguns clientes na Europa”, diz ele. A



Minerva, que no ano passado abateu 3,5 milhões de bovinos, não descarta a adesão ao programa após o seu início oficial.

A Marfrig Global Foods não esperou para ver e já fechou uma parceria com a Embrapa, visando o comércio de carne com o selo CCN. Paulo Pianez, diretor de sustentabilidade do grupo, diz que o programa qualifica ainda mais a pecuária e que a Marfrig está disposta a contribuir na consolidação desse mercado. “Estamos mapeando potenciais produtores que possam trabalhar com CCN”, diz ele.

O sistema vai ao encontro de um tipo de pecuarista já identificado com processos mais refinados de gestão. Pianez dá como exemplo o Marfrig Club, projeto que incentiva e reconhece os produtores de gado que adotam sistemas sustentáveis. Em 2018 foram abatidos cerca de 2,4 milhões de animais por esse programa, cerca de 80% do total. Por ele, a Marfrig já identificou 280 fazendas com potencial de evolução para certificação da produção Carne Carbono Neutro ou de Baixo Carbono. Na safra passada, essas fazendas abateram cerca de 80 mil animais.

Incendios en el Amazonas disparan alerta en el mundo

Posted 10:06 am, august 23, 2019, by CNN wire While the wildfires raging in the Amazon rainforest may constitute an “international crisis,” they are hardly an accident.

The vast majority of the fires have been set by loggers and ranchers to clear land for cattle. The practice is on the rise, encouraged by Jair Bolsonaro, Brazil’s populist pro-business president, who is backed by the country’s so-called “beef caucus.”

While this may be business as usual for Brazil’s beef farmers, the rest of the world is looking on in horror.

The rainforest, known as “the planet’s lungs,” produces about 20% of the world’s oxygen.

On Friday, Finland’s finance minister called for the European Union to “urgently review the possibility of banning Brazilian beef imports” over the Amazon fires.

Brazil is the world’s largest exporter of beef, providing close to 20% of the total global exports, according to the United States Department of Agriculture a figure that could rise in the coming years.

Last year the country shipped 1.64 million tonnes of beef — the highest volume in history — generating \$6.57 billion in revenue, according to the Brazilian Beef Exporters Association (Abiec), an association of more than 30 Brazilian meat-packing companies.

The growth of Brazil’s beef industry has been driven in part by strong demand from Asia — mostly China and Hong Kong. These two markets alone accounted for nearly 44% of all beef exports from Brazil in 2018, according to the USDA.

And a trade deal struck in June between South America’s Mercosur bloc of countries and the European Union could open up even more markets for Brazil’s beef-packing industry.

Speaking after the agreement as announced, the head of Abiec, Antônio Camardelli, said the pact could help Brazil gain access to prospective new markets, like Indonesia and Thailand, while boosting sales with existing partners, like the EU. “A deal of this magnitude is like an invitation card for speaking with other countries and trade blocs,” Camardelli told Reuters in July.

Once implemented, the deal will lift a 20% levy on beef imports into the EU.

But, on Friday, Ireland said it was ready to block the deal unless Brazil took action on the Amazon.

In a statement Irish Prime Minister Leo Varadkar described as “Orewellian” Bolsonaro’s attempt to blame the fires on environmental groups. Varadkar said that Ireland will monitor Brazil’s environmental actions to determine whether to block the Mercosur deal, which is two years away.

He added Irish and European farmers could not be told to use fewer pesticides and respect biodiversity when trade deals were being made with countries not subjected to “decent environmental, labor and product standards.”

In June, before the furor over the rainforest began, the Irish Farmers Association called on Ireland not to ratify the deal, arguing its terms would disadvantage European beef farmers.

Deal or no deal, Brazil’s beef industry is projected to continue expanding, buoyed by natural resources, grassland availability and global demand, according to the Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD).

And, with that growth, comes steep environmental costs.

Brazil’s space research center (INPE) said this week that the number of fires in Brazil is 80% higher than last year. More than half are in the Amazon region, spelling disaster for the local environment and ecology.

Alberto Setzer, a senior scientist at INPE, told CNN that the burning can range from a small-scale agricultural practice, to new deforestation for mechanized and modern agribusiness projects.

Farmers wait until the dry season to start burning and clearing areas so their cattle can graze, but this year’s destruction has been described as unprecedented. Environmental campaigners blame this uptick on Bolsonaro, who they say has encouraged ranchers, farmers, and loggers to exploit and burn the rainforest like never before with a sense of impunity.

Bolsonaro has dismissed accusations of responsibility for the fires, but a clear shift seems to be underway.



And if saving the rainforest isn't enough to convince carnivores to stop eating Brazilian beef — the greenhouse gas emissions the cattle create may be.

Beef is responsible for 41% of livestock greenhouse gas emissions, and that livestock accounts for 14.5% of total global emissions. And methane — the greenhouse gas cattle produce from both ends — is 25 times more potent than carbon dioxide.

An alarming report released last year by the UN Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) report, said changing our diets could contribute 20% of the effort needed to keep global temperatures from rising 2°C above pre-industrial levels. Namely, eating less meat.

Still, global consumption of beef and veal is set to rise in the next decade according to projections from the Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) and the Food and Agricultural Organization of the United Nations (FAO).

A joint report predicted global production would increase 16% between 2017 and 2027 to meet demand. The majority of that expansion will be in developing countries, like Brazil.

URUGUAY

Con escasa oferta de ganados de campo, el mercado del gordo se mantiene estable

22 de agosto de 2019

Con escasa oferta de ganados de campo, el mercado del gordo se mantiene estable

La escasez de oferta de ganados de campo mantiene la firmeza y estabilidad en los valores de la hacienda gorda. La disparidad entre plantas tanto en precio como en entradas prevalece y se acentúa con la mayor participación de ganados de corral en algunos frigoríficos.

El eje de los negocios concretados por novillos gordos son los US\$ 4 y superar esta referencia se consigue en lotes de excelente terminación que son los más escasos. Lo mismo sucede con la vaca que cotiza en el eje de los US\$ 3,85 y la vaquillona en US\$ 3,95.

Facundo Schauricht, integrante de la directiva de ACG y de Zambrano y Cía. dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural que “las plantas que no están faenando ganados de corral están con entradas muy cortas (no más de una semana) y eso es lo que sostiene los precios. Las que están faenando ganados de corral tienen entradas más largas (15 días) y pasan menores valores -US\$ 3,95 por los mejores novillos y US\$ 3,80 por vacas pesadas-”.

Los intensos fríos y las lluvias acentuaron la falta de oferta de ganados de campo bien terminados lo que genera que en algunos casos se paguen valores muy similares a los de mejor terminación. Schauricht explicó que cuando la oferta es escasa la industria pretende bajar los valores pero el productor no convalida una baja, esto lleva a que dentro de una misma categoría se equiparen los valores y los ganados más generales valgan prácticamente lo mismo que los especiales.

En el mercado de reposición reina la firmeza, la primavera se acerca y el traspaso de áreas agrícolas a ganaderas está demandando ganado, especialmente categorías livianas como terneros de hasta 140 kg que alcanzaron los US\$ 2,50 en la grilla de ACG.

El ternero subió dos centavos la cotización a US\$ US\$ 2,41. Los terneros para la exportación en pie –muy demandados- cotizaron entre US\$ 2,20 y máximos de US\$ 2,45. La vaca de invernada subió un centavo a US\$ 1,68 con máximos de US\$ 1,75.

En ovinos la tendencia de aumento se mantiene. En la grilla de la ACG el cordero pesado se mantuvo en US\$ 3,71, el cordero liviano subió un centavo a US\$ 3,68 y el borrego se mantuvo en US\$ 3,7

0. Los capones subieron cinco centavos a US\$ 3,48 y las ovejas subieron tres centavos a US\$ 3,45.

El regreso de los novillos

21 de agosto de 2019

En las próximas semanas se conocerá el dato de población ganadera que marcará un tercer descenso consecutivo fuerte de la población ganadera uruguaya. Otros 300 mil vacunos menos, como en los dos años anteriores para irnos de 12 a 11 millones entre 2016 y 2019. Y seguramente empezar a repechar en el stock en 2020 cuando se logre una producción récord de terneros que puede por primera vez superar los 2,9 millones de animales destetados el próximo otoño.

Los primeros síntomas del repunte vienen por el radical cambio que ha significado la fiebre de los cerdos en China, que ha derivado en una suba del ganado para faena, que se ha trasladado al precio del ternero, y por esa vía ha limitado la exportación en pie.

De ese modo, posiblemente lo principal del dato de stock ganadero que se dará a conocer en breve venga por el repunte de los novillos de uno a dos años, que junto a la gran parición de este año empezarán a dar un piso a la faena del próximo año y a un posible ascenso de 2021 en adelante generando un ciclo de expansión ganadera cuyo techo todavía no se puede establecer.



De acuerdo a las proyecciones del Plan Agropecuario la población de novillos de uno a dos años tendrá un fuerte crecimiento de 846 mil a 1,13 millones, un aumento de 33%.

Un aumento en casi 300 mil animales en un stock que cae también en 300 mil. Lo interesante es que si los precios se mantienen lo suficientemente altos como para sostener dentro del territorio uruguayo a la mayoría de los terneros, la población de novillos de uno a dos años pasará de las más baja a la más alta de la historia en solo dos años: de 2018 a 2020.

Brasil ofrece carne vacuna más barata para abasto local

21/08/2019 - 10:52 AM

Tiene mayor oferta y China le demora habilitación de nuevos frigoríficos exportadores para ese mercado.

Carne brasileña en góndolas de supermercado. Foto: El Político.

Hay nuevos frigoríficos exportadores de Brasil que están solicitando ser habilitados por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, para poder entrar con sus cortes desosados, madurados y envasados al vacío en el abasto local.

Se suma que China está demorando la habilitación de las nuevas empresas cárnicas brasileñas que pretenden exportar carne bovina y menudencias a ese mercado, lo que genera una mayor oferta y más competencia entre las empresas.

Esa mayor competencia, sumado a un incremento de la oferta de ganado por estar entrando a la primavera, está provocando que las ofertas de carne bovina que tienen por destino el abasto uruguayo para los meses de septiembre y octubre, estén entre US\$ 200 y US\$ 300 más bajas que las que hicieron en octubre, según confirmó El País con algunas fuentes vinculadas a la importación del producto para el mercado interno.

De concretarse negocios a estos precios, seguramente se trasladará la baja a los consumidores, que serán los beneficiados. El ingreso de carne bovina importada amortigua las subas de valores del producto en los meses de invierno. En esta época del año, el precio del ganado gordo se eleva, hay menor oferta y eso se traslada al precio de la carne que se consume internamente.

La fuerte caída de precios de la carne brasileña respecto al mes en curso, donde se habían registrado algunas subas, se está notando a nivel de empresas cárnicas de San Pablo y de otros estados, incluidos Rio Grande do Sul y Paraná, según dicen los importadores.

El grueso de la carne que se importa de Brasil proviene de frigoríficos de Rio Grande do Sul, pero también hay ingresos de carne desde estados de Brasil central. Uruguay tiene la ventaja de contar en la exportación con mercados que no tiene Brasil y Argentina —Corea del Sur y Japón entre otros—, así puede vender su carne más cara e importar cortes más baratos para el mercado interno.

Más allá de las demoras en incorporar más frigoríficos exportadores para China, Brasil está pronto para habilitar Indonesia para su carne bovina y de abrirse rápido ese mercado, al generar más demanda, los precios para ofertas noviembre y diciembre podrían volver a subir. En caso de Uruguay, el precio del ganado sigue firme y la demanda de carne bovina desde China también se incrementa, subiendo los precios de todos los cortes.

Mientras tanto, varios operadores siguen sondeando el mercado cárnico argentino para importar y hay una empresa que habría concretado el ingreso de pequeños volúmenes. En este caso, la puerta de vaivén está abierta para carne con hueso, pero los negocios no están fáciles.

Todavía el mercado argentino se estabilizó, el ganado subió 20% y la prioridad de los frigoríficos argentinos es abastecer China. Son pocas las empresas argentinas que no están habilitadas para ese mercado asiático y por consiguiente, pocas también las que tendrían interés en volcar carne al mercado uruguayo. A su vez, el consumo de carne en el abasto argentino sigue firme y una vez que se vuelva a la estabilidad, también será prioridad.

Analizan la importación de carne bovina Argentina

18/08/2019 - Esperan que mercado se estabilice y aparezca más ganado.

Algunos operadores están sondeando permanentemente el mercado argentino, buscando la oportunidad de importar cortes bovinos para vender en el abasto.

Argentina y Uruguay mantienen el mismo status sanitario y la puerta de vaivén está abierta. No es la primera vez que entra carne argentina y viceversa, cuando los precios lo permiten (Uruguay es un fuerte exportador de asados a algunas provincias del litoral).

En la medida que los precios lo justifiquen no está descartada la posibilidad de traer algunos cortes para abastecer el mercado interno.

Hoy el grueso de las importaciones de carne desosada, madurada y envasada al vacío, proviene de frigoríficos habilitados para la exportación en Rio Grande do Sul. Son cortes que ya están aceptados por el mercado interno uruguayo y provienen de razas británicas y sus cruza. También ingresan otros cortes bovinos —en iguales condiciones— desde Brasil central, los que también han tenido buena aceptación en



las cadenas de supermercados y carnicerías. Hay grupos frigoríficos que están trayendo carne de Brasil y Paraguay y también algunos abastecedores de gran peso en el mercado local.

Uruguay es un neto exportador de carnes y tiene habilitados mercados de alto valor —Japón, Corea del Sur y otros como China— a los que los frigoríficos brasileños y argentinos aún no pueden vender o en el caso de China, están comenzando a colocar sus cortes. Eso ofrece la posibilidad —al igual que Estados Unidos, México y otros países— de valorizar la carne procedente del ganado uruguayo e importar carne más barata para abastecer el mercado interno.

El problema que se presenta hoy para importar carne de Argentina es la inestabilidad de la moneda (peso argentino) frente al dólar y el hecho de que algunos frigoríficos están exportando carne a China y esa es su prioridad.

Hasta que la moneda argentina no se estabilice —incluso la renuncia del ministro de Economía de Macri provocó nuevos movimientos— los productores no están vendiendo ganado o sólo lo hacen por necesidades financieras.

“Para pensar en importar carne de Argentina, primero hay que esperar a que se vuelva a ordenar el mercado”, aclaró a El País una fuente vinculada a la exportación e importación de carne. Hoy en ese país la venta de carne en el mercado interno está algo resentida porque el consumidor tiene menor poder adquisitivo, pero una vez que el mercado vuelva a estabilizarse, el mercado también se moverá. Los argentinos son fuertes consumidores de carne bovina y eso pesa bastante al momento de medir los volúmenes de su mercado interno.

La diferencia de precios que hoy tiene el ganado vacuno argentino —quedó como el más barato de la región—, es lo que alimenta la esperanza de algunos importadores uruguayos de traer algunos cortes destinados al mercado interno. Al cierre de la semana en el mercado ganadero de Liniers, la demanda mostró que tiene necesidades de abastecimiento y hubo subas de 10% en las categorías más buscadas. Esa suba de valores del ganado también fue por la movida del dólar.

Carne uruguaya conquista más restaurantes en China

22/08/2019 INAC lanzará campaña vía Internet destinada a consumidor.

La carne bovina uruguaya busca ganar más espacio en China, especialmente en el circuito de restaurantes. El Instituto Nacional de Carnes (INAC) realizó una promoción en la ciudad de Guangzhou (el sur de China), en el marco de una alianza con la empresa PMI Foodservice, que tiene una red de distribución de más de 1.000 locales.

Según INAC, el canal de restaurantes tiene fuerte desarrollo y potencial y es ahí donde, entre otros caminos, está apuntando Uruguay para valorizar su carne y diferenciarse de sus competidores.

Mensualmente, se vienen realizando actividades orientadas a los dueños de los locales, compradores de carne y cocineros, en las cuales se informa sobre el origen Uruguay y la producción de carne vacuna, se entrena en las mejores prácticas de manejo de la carne y se desarrollan menús con cortes específicos adecuados a cada cocina.

El gran atractivo del sector de la gastronomía en China es la enorme variedad de usos y ocasiones para preparar y consumir carne bovina. Esto permite incluir todos los cortes y valorizar la canasta de productos. En el plan, se han definido diferentes tipos de cocinas para profundizar en el aprovechamiento y uso de los cortes, como también para incluir nuevos productos.

Desde la óptica de INAC, este segmento de mercado enfrenta una demanda sostenida, exigente, con consumidores que buscan innovación y calidad de la experiencia. En la provincia de Cantón, donde se encuentra la ciudad de Guangzhou, hay más de 600 restaurantes activos con la presencia de carne de Uruguay. Hay un interés muy alto en aprender los usos y el manejo de la carne. En este sentido, las acciones vienen dando resultado, cada vez hay más cartas y platos con carne vacuna donde se señala el origen y la marca Uruguay.

El reconocimiento de Uruguay asociado a un país productor y exportador de carne de altísima calidad es uno de los objetivos propuestos.

La planificación en el canal de gastronómico de los restaurantes también se viene realizando en otras ciudades, como Shenzhen, Chengdu y Shanghai. Las exportaciones de Uruguay a China aumentaron 44,4% en valor en lo que va de 2019 y 31% en volumen. El ingreso promedio aumentó 9,4% comparado con igual período de 2018, según los datos estadísticos del INAC.

En el acumulado anual China absorbió el 64% de las exportaciones de carne vacuna de Uruguay, al tiempo que Uruguay representó el 20% de las importaciones de carne vacuna de China. Este país ha sido definido como el principal destino para la inversión en construcción de marca.

Además de intensificar las activaciones en el nivel de empresas, como es el caso de los restaurantes, se mantiene en paralelo las campañas a nivel de consumidores. Hacia fines de septiembre comenzará una nueva, enfocada en las plataformas de comercio electrónico y redes sociales. El surgimiento de la peste porcina africana, que obligó a matar millones de cerdos, ocasionó que parte de la carne suína que no se podrá producir, sea sustituida por carne bovina mayoritariamente importada, más que nacional.



Carne terminada a granos con mayor demanda en China

20/08/2019 - Empresarios de Aupcin constataron que cortes vacunos uruguayos ganan terreno en ese mercado.

China quiere más carne uruguaya y hay posibilidades de valorizar más los cortes. La delegación de la Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin) que revisó en China durante 15 días, sistemas de faena y producción de carne bovina, de engorde, de cría y recría, regresó con enorme expectativa y detectó la oportunidad de nuevos negocios para la carne procedente de los corrales de engorde.

Compuesta por 14 empresarios, con el apoyo de la Embajada de Uruguay en China, liderada por Fernando Lugris, la delegación de Aupcin, entiende que para un país exportador de carne como Uruguay, hay muchas oportunidades de negocio.

El presidente de Aupcin, Álvaro Ferrés, aseguró a El País que si los chinos pasan a consumir un kilo más de carne bovina demandarían 1.400 millones de kilos. "En el mundo se exportan 10.000 millones de kilos de carne bovina y el crecimiento de consumo de 1 kilo en China, llevaría a un aumento de entre 12% y 15% en la exportación mundial", agregó.

China está en crecimiento, tanto económico, como comercial y el consumidor está mostrando cambios en los hábitos de consumo. "El cambio viene de la mano de los millennials —nacidos entre 1983 y 2000—, que están pasando de la gastronomía tradicional a una dieta más occidentalizada. En el marco de ese cambio vemos mayor oportunidad para la carne vacuna".

China es el mayor consumidor de carne de cerdo y mata 700 millones de suinos por año. El consumo de proteínas de origen animal está en 65 kilos por año que son: 50 kilos de cerdo, entre 10 y 12 kilos de pollo y 5 kilos de carne bovina y ovina.

Ferrés explicó que al cambio de la dieta hay que sumarle cada vez más consumidores "de mayor poder adquisitivo que quieren comer carne y la terminada a granos es muy demandada". A su vez, están decididos a pagar mayor precio.

La delegación de Aupcin constató que en los grandes restaurantes, donde va ese consumidor de mayor poder adquisitivo, "el gran consumo de carne procede de los corrales de engorde (carne de feedlot), en gran parte importada de Australia" y China "también está buscando incrementar su producción". Se intensifica la ganadería china y eso hace crecer el hábito de consumo de carne de feedlot. "Vimos una enorme oportunidad de mercado para la carne que producimos, con valores muy atractivos", remarcó Ferrés.

El precio del ganado gordo en China es US\$ 4 por kilo, un ternero vale entre US\$ 5 y US\$ 6 el kilo en pie, contó el técnico uruguayo.

"Hay un gran estímulo para incrementar el rodeo de cría y apoyos del Estado para concretar esa meta. De hecho, estuvimos en un lugar donde había vacas uruguayas que se habían importado en pie a Mongolia interior, en el marco de ese estímulo que está otorgando el gobierno para incrementar el rodeo vacuno", contó el presidente de Aupcin.

Pero lo que es más importante, la delegación uruguaya comprobó que hay mucho interés en comprar carne bovina uruguaya, pero "también en venir a invertir al Uruguay".

Tras demoras por combustible, finalmente parte a China el barco con ganado en pie

22 de agosto de 2019 Tras demoras por combustible, finalmente parte a China el barco con ganado en pie. Este miércoles finalmente se cargó combustible en el barco con 6.500 vaquillonas preparadas para partir con destino a China. Al cierre de esta edición de Ganadería.uy estaban en los ajustes finales para que partiera.

En la madrugada de este miércoles quedó disponible el combustible, luego de una demora provocada por dificultades en la logística portuaria. Extraoficialmente, estaría vinculado a medidas gremiales (no declaradas), según señaló una fuente, con los trabajadores encargados del abastecimiento del combustible sin realizar horas extra, solo cumpliendo tareas a reglamento para conseguir mejores condiciones laborales.

El costo extra por día de demora es de entre US\$ 25.000 y US\$ 30.000, señaló a Tiempo de Cambio de radio Rural Federico Di Santi, titular de la firma Di Santi Romualdo. A esto se suman los costos extra de alimentación del ganado y las dificultades que implica tener el ganado parado.

"No se esperó a último momento" para cargar el combustible, añadió. El sábado pasado comenzó la operativa de embarque del ganado (que finalizó este lunes), y desde ese entonces se esperaba el aprovisionamiento de combustible que llegó finalmente este miércoles.

Di Santi señaló que hay consultas desde el exterior por ganado vivo, pero que los precios internos del ganado de reposición y los costos de flete dificultan la operativa.



PARAGUAY

Paraguay: producción y exportaciones de carne vacuna se recuperarán en 2020 según el USDA

22 de agosto de 2019 Paraguay: producción y exportaciones de carne vacuna se recuperarán en 2020 según el USDA

Las exportaciones de carne vacuna de Paraguay en 2020 aumentarán en 30.000 toneladas respecto a 2019 (9%) a 350.000 toneladas peso canal luego de tres años consecutivos de descenso. ¿Los motivos? Un incremento en la producción y un consumo interno estancado.

El Departamento de Agricultura de los Estados Unidos (USDA por su sigla en inglés) publicó este miércoles su informe anual sobre la ganadería en Paraguay. Según el USDA, la producción de carne vacuna paraguaya en 2019 caerá un 8% interanual (45.000 toneladas) a 530.000 toneladas peso canal – el menor volumen en seis años- y se recuperará en 2020 totalizando 560.000 toneladas, un aumento interanual de 6% y un volumen muy similar a 2018.

La menor producción en 2019 está explicada por graves inundaciones en marzo, abril y mayo, bajos precios del ganado que fomentaron la retención del mismo y un incendio en una de las plantas más grandes del país - FrigoChorti, en la zona de Loma Plata-.

Como consecuencia de una menor producción, las exportaciones también se retraerán finalizado el año, de 365.000 toneladas a 320.000 toneladas (-12%) y para 2020 se espera una recuperación de 9% a 350.000 toneladas. Chile, Rusia, Taiwán y la Unión Europea continuarán siendo los principales destinos de exportación.

Paraguay tiene como objetivo el acceso a nuevos mercados que paguen precios más altos como EEUU y Japón. Además, espera beneficiarse del acuerdo comercial entre el Mercosur y la UE.

Frigorífico Concepción logró habilitación para volver a exportar carne a Rusia

21/08/2019 La auditoria duró más de 15 meses.

El Servicio Nacional de Calidad y Salud (Senacsa) informó a través de las redes sociales que Frigorífico Concepción quedó nuevamente habilitado para exportar productos cárnicos a Rusia.

La comunicación se realizó ayer, y se destaca que el proceso de habilitación se extendió durante 15 meses de trabajo.

Rusia, a pesar de que ha menguado la demanda, es un comprador importante de carne vacuna de Paraguay.

Paraguay prepara la delegación empresarial que participará en Anuga

20/08/2019 El país sudamericano será "socio oficial" en la edición 2019

Una delegación compuesta por 26 empresas paraguayas participará en la feria de alimentos y bebidas Anuga 2019 que se realizará del 5 al 9 de octubre en la ciudad alemana de Colonia.

El director de la Red de Importaciones y Exportaciones del Ministerio de Industria (Rediex), Mario Romero Lévera, en conversación con Paraguay TV, comentó que en esta edición, Paraguay tiene el privilegio de ser "socio" oficial de la expo gastronómica.

Es una de las ferias de alimentos más importantes del mundo, donde asisten unas 165.000 personas, de 200 países y donde Paraguay tendrá un trato especial por ser país "partner" de la feria este año.

"El país se ha postulado y hemos ganado esa posición que nos brinda una serie de ventajas, como un espacio especial para la marca país", mencionó el director de Rediex.

Otro de los beneficios de ser país socio de la feria, es que un día antes del inicio los empresarios tendrán la posibilidad de participar en un encuentro con más de 250 empresarios internacionales, lo que dará que se potencie el "networking" de este evento. "Estaremos dando un espaldarazo importante a los que participen en la feria", añadió.

Paraguay llevará una delegación de 26 empresas, cada firma llevará su equipo para exponer en tres pabellones donde estará la marca país, con sectores del Gobierno y empresarial para atraer al público visitante.

"Se tendrán tres pabellones, uno dedicado a los productos como sésamo, yerba mate, almidón y derivados, otro dedicado a la carne y por último a los lácteos. Los mismos estarán arropados con las características de la identidad paraguaya", remarcó.

Destacó la activa participación paraguaya en las ferias de alimentos que se realizan en todo el mundo, con representantes del sector privado, destacándose principalmente en el rubro de la carne.

Cabe mencionar que dada la envergadura de esta feria, el 85% de los participantes son extranjeros, lo que demuestra el interés mundial en participar de esta feria.

Finalmente, señaló que "la participación permanente en estas ferias, genera la confianza en los compradores, en los clientes, y finalmente las compras se dan por el lado que uno menos espera, por las reuniones previas, por acciones que se van coordinando y al volver, al tener todos estos contactos con una continuidad".



UNION EUROPEA

BREXIT costaría a la agricultura de Gran Bretaña unos 950 millones de euros

20/08/2019 - El Gobierno inglés buscará realizar apoyo a algunos sectores.

La salida del Reino Unido de la Unión Europea (UE) —Brexit— sin acuerdo con Bruselas podría costar al sector de la agricultura en este país unos 850 millones de libras —unos 950 millones de euros— anuales en pérdidas de beneficios, según un informe.

La cadena pública BBC tuvo acceso a dicho documento, en el que la firma de consultores Andersons advierte de que si el gobierno británico no incrementara su apoyo a esa industria, algunas granjas sufrirían de manera inevitable de producirse una marcha abrupta del bloque.

Por su parte, ante ese posible escenario, el Ejecutivo aseguró que “proporcionará apoyo directo para impulsar algunos sectores en el improbable caso de que esto sea requerido

El citado informe desvela que si no hay acuerdo, las granjas podrían tener que hacer frente, por primera vez, a tarifas sobre bienes exportados a la Unión Europea. Las exportaciones de carne ovina podrían acarrear el pago de tarifas de entre 45% y 50%, mientras que la carne de ternera podría verse afectada con tarifas de más del 90 %.

La BBC señala que si las empresas europeas comienzan a tener que pagar más para importar carne procedente del Reino Unido, podrían recurrir a proveedores de otros países.

Actualmente, las granjas británicas perciben anualmente más de 3.500 millones de libras —unos 3.800 millones de euros— en subsidios comunitarios en base a la Política Agrícola Común.

El Ejecutivo británico aseguró a los granjeros de este país que mantendrá los niveles de apoyo hasta las próximas elecciones generales, un dato que ha tenido en cuenta el citado grupo de consultores. Según sus cálculos, durante el primer año tras un “brexit” sin acuerdo, los beneficios en toda la industria caerían anualmente en un 18% —entre 800 y 850 millones de libras— frente a los datos del periodo 2016-2018. “Muchas granjas dependen en gran manera de los apoyos”, señaló Michael Haverty, encargado del documento. [En base a EFE]

IRLANDA: discuten paliativos ante una posible crisis por el BREXIT

20 August 2019 IRELAND - At the conclusion of day two of the beef talks, IFA President Joe Healy said that Agriculture Minister Michael Creed has agreed to get involved directly in the talks with a view to resolving the outstanding issues, especially around the 30-month age limit.

A meeting was scheduled with Minister Creed in Backweston at 10am this morning.

Mr Healy said with Brexit just 72 days away, strong EU and Government support is urgently required for beef farmers who are in the middle of a severe income crisis.

"On Brexit, IFA made it very clear that additional EU and Government market supports and direct aid for farmers is urgently required," he said.

On CAP, it was agreed on the need for a fully funded CAP and to protect its share of the EU Budget, and ensure that the current level of direct payments to Irish beef farmers is protected.

On imports, Mr Healy said IFA made a major issue on the damage to the EU beef market and prices from sub-standard beef imports from outside the EU.

He said it was agreed "it should be ensured that imports which do not meet the same stringent standards as EU producers are banned."

IFA secured a strong position for additional funding for targeted direct support for suckler cows.

It was agreed Bord Bia will develop a beef market price index model; there was also an agreement for an independent grocery regulator is required.

DAFM agreed to introduce an appeal system for carcass classification in meat plants where there is manual grading only. IFA is seeking an appeals system in all meat plants.

On insurance charges at the factories, Meat Industry Ireland confirmed that farmers can opt out of paying.

On the QPS (Quality Payment System) it was agreed Teagasc will review the price differentials on the grid in the short term and undertake a full review in the longer term.

It was also agreed on the need for greater transparency all along the beef supply chain. An independent study of price composition along the supply chain will be commissioned by DAFM.

The major issues raised by IFA at the talks included low farm incomes, the need for higher beef prices, Brexit, Sub-standard EU imports, CAP and climate action.

A range of technical issues on the QPS grid, the in-spec bonus requirements, carcass classification, Market transparency, beef price index, producer organisations, insurance and live exports were also discussed.

Mr Healy also said he would be seeking a strong commitment from the meeting that the Irish Government will tackle the issue of sub-standard imports into the EU market from third countries.



"Imports which do not meet the same stringent standards as EU producers must be banned," he said. The IFA President said greater transparency is needed in the food chain to deliver a fair price back to farmers.

"An accurate price index is essential to arm farmers with key market information and allow them to pursue the full value of their stock," he said.

Mr Healy said IFA will also make a strong case for a fully funded CAP and protect its share of the EU Budget, and ensure that the current level of direct payments to Irish beef farmers is protected.

FRANCIA e IRLANDA se oponen al Acuerdo entre la UE y Mercosur

estadão conteúdo 23/08/2019 A mídia internacional traz a repercussão da informação de que o presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou nesta sexta-feira, 23, que o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, estava mentindo quando minimizou as preocupações sobre a mudança climática na reunião do G-20 no Japão, em junho, e que, por isso, a França se oporá ao acordo de livre-comércio entre o Mercosul e a União Europeia.

O acordo é apontado por Bolsonaro como uma das principais conquistas de seu governo. Agências internacionais de notícias informam que o Palácio do Eliseu, sede do governo francês, divulgou nota afirmando que "nas condições atuais, a França se opõe ao acordo Mercosul-UE".

Os incêndios que se propagam pela Amazônia se converteram em um incidente diplomático dois dias antes da reunião do G-7, em Biarritz, também na França. Na quinta-feira, 22, Macron solicitou que o tema seja debatido com os outros líderes do grupo – do qual o Brasil não participa.

Graham Fahy, Gabriela Baczyńska

Dublin/Brussels (Reuters) - The European Union piled pressure on Friday on Brazilian President Jair Bolsonaro over fires raging in the Amazon basin, with Ireland and France saying they could block a trade deal with South America.

Bolsonaro has rejected what he calls foreign interference in domestic affairs in Brazil, where vast tracts of the Amazon rainforest are ablaze in what is known as the burning season. He said the army could be sent to help fight the fires.

Environmentalists have blamed deforestation for an increase in fires and accuse the right-wing president of relaxing protection of a vast carbon trap and climate driver that is crucial to combating global climate change.

French President Emmanuel Macron's office said Bolsonaro had lied in playing down concerns about climate change at the G20 summit in Japan in June and that, in this light, France would oppose the deal struck between the EU and the Mercosur countries: Brazil, Argentina, Uruguay and Paraguay.

Irish Prime Minister Leo Varadkar said Dublin would vote against the deal unless Brazil acted to protect the rainforest.

Varadkar said he was very concerned at the record levels of rainforest destruction, and that the Irish government would closely monitor Brazil's environmental actions in the two years until the Mercosur deal was ratified.

"There is no way that Ireland will vote for the EU-Mercosur Free Trade Agreement if Brazil does not honor its environmental commitments," he said in a statement.

EU-MERCOSUR TRADE DEAL

Ireland and France would need other EU states to help form a blocking minority if they want to kill the deal, reached in June after 20 years of negotiations. The Irish government is under pressure to defend its beef farmers, already suffering from Britain's looming EU exit and low prices, by seeking to ensure Mercosur countries do not flood the market with cheaper beef.

But the EU executive, the European Commission, warned against burying the deal, saying it could help to put pressure on Brazil.

"This is the best way to create legally binding commitments with countries that we want to respect our environmental standards," said Commission spokeswoman Mina Andreeva. "The best tool that we have is the EU-Mercosur agreement."

She noted that the text included punitive mechanisms to be used if certain climate-related conditions were not met.

Finland, which currently holds the EU's rotating presidency, suggested a ban on Brazilian beef imports. Prime Minister Antti Rinne said the fires were "a threat to our whole planet, not just to Brazil or South America".

"We must find out whether the Europeans have something to offer Brazil to help prevent this kind of fires in the future," he added.

Finland's finance minister said he would raise the issue with his EU peers at a meeting in Helsinki on Sept. 13-14.



Leaders of the world's most advanced economies are also expected to discuss the matter when they meet for the G7 summit in France this weekend.

ESTADOS UNIDOS

NCBA contesta ante la caída del mercado por incendio de planta de Tyson

August 20, 2019 NCBA announced actions taken in response to the Tyson fire. (NCBA)

The National Cattlemen's Beef Association has taken steps to help "minimize the inevitable economic disruption and help the industry recover as quickly as possible," according to president Jennifer Houston.

In a letter to Commodity Futures Trading Commission Chairman Heath Tarbert, NCBA Senior Vice President for government affairs Colin Woodall said the closure of the Tyson plant is causing significant disruptions "due to uncertainty" of where cattle will be processed. He said while the industry is working to find other locations to process cattle, "We need risk management tools and markets that work."

Woodall asked the CFTC to keep an "even closer eye on the cattle markets to ensure that no market participant tries to use the uncertainty to manipulate or illegally take advantage of the situation. We do not have any accusations to make, we simply ask that CFTC remain vigilant."

In an email to NCBA members, Houston outline efforts the organization has taken.

* NCBA reached out to the National Economic Council at the White House to inform them of the situation and ask them to help with regulatory flexibility.

* NCBA contacted the Commodity Futures Trading Commission (CFTC) and the Packers and Stockyards Division to request they keep an eye on the market to make sure it keeps working, and to identify any market participant who might try to illegally capitalize from the market situation.

* NCBA requested U.S. Department of Transportation provide an Hours of Service waiver to allow trucks to transport live cattle to other plants for processing.

* NCBA contacted Secretary Perdue's office and other USDA leadership to inform them of the uncertainty this brings to our industry, and requested they work on APHIS and FSIS inspector flexibility to help the industry meet our needs while the Tyson facility is being repaired.

* NCBA staff informed Senate and House Agriculture Committee Staff of the situation and our requests of flexibility to the Administration.

* NCBA also followed up on phone calls with official letters of request to DOT, USDA, and CFTC for regulatory flexibility.

NCBA says it will continue to engage on this issue on behalf of its members and the beef community as a whole until the plant is again operational.

USMEF – perspectivas promisorias en FILIPINAS

USMEF August 20, 2019 Joel Haggard, U.S. Meat Export Federation (USMEF) senior vice president for the Asia Pacific, just returned from the Philippines where he met with importers, processors and other prospective buyers at World Food Expo (WOFEX), the Philippines' largest food exhibition.

Haggard notes that U.S. beef export growth to the Philippines is being driven in part by the proliferation of Korean-style barbecue restaurants, which utilize large volumes of U.S. beef short plate – a cut that attracts little domestic demand but is very popular in Asia. Through the first half of 2019, U.S. beef exports to the Philippines totaled nearly 10,000 metric tons, up 19% from a year ago, valued at \$46.5 million (up 12%).

First-half pork exports to the Philippines trended lower year-over-year, but Haggard anticipates an uptick in activity in the second half of 2019.

On July 1, the Philippines suspended imports from its largest pork supplier, Germany, due to alleged comingling of German pork with Polish pork products, which are banned from the Philippines due to the presence of African swine fever (ASF) in Poland.

This week the Philippine Department of Agriculture is reportedly investigating recent swine deaths and testing these animals for ASF, but officials emphasized that no ASF cases have been confirmed in the Philippines. Haggard also explains that prices for European pork are likely to increase in the second half of the year as China's ASF-related pork shortage intensifies, further enhancing opportunities for U.S. pork in the Philippines.

AUSTRALIA

Exportaciones de carne de Australia dieron un salto en valor en 2018-2019

22 de agosto de 2019 Exportaciones de carne de Australia dieron un salto en valor en 2018-2019

La facturación por exportaciones de carne de Australia dieron un salto en ejercicio 2018-19. Tanto en carne vacuna como de cordero se superaron los máximos históricos, informó Meat and Livestock Australia (MLA).



La fuerte demanda global y un dólar australiano débil ayudaron a apuntalar las cifras.

Estados Unidos sigue siendo el destino de mayor valor para la carne roja australiana, seguido de cerca por China y Japón.

Las exportaciones de carne vacuna alcanzaron los AU\$ 9.490 millones (aproximadamente US\$ 6.430 millones), un aumento del 19% en el último ejercicio respecto al anterior, y AU\$ 446 millones más que el récord anterior establecido en 2014-15. El valor de la carne vacuna promedió AU\$ 7.750 por tonelada (aproximadamente US\$ 5.250), un aumento del 9% interanual.

La carne enfriada alcanzó un récord de AU\$ 11.860 por tonelada (US\$ 8.036), y representó el 38% de la facturación por exportación (aunque solo el 25% del volumen).

En carne ovina, las exportaciones de carne de cordero en valor continúan subiendo muy fuerte, alcanzando AU\$ 2.600 millones (US\$ 1.760 millones) en el ejercicio 18-19, consolidando una tendencia creciente con subas interanuales del 9%, 17% y 16% durante los tres años anteriores, respectivamente.

CHINA creció como destino favorecido por la preferencia arancelaria de AUSTRALIA

19 August 2019 CHINA - China has substantially increased beef imports from Australia in the first seven months of 2019, reaching the yearly imports quota under the free trade agreement between the two countries four months earlier than expected.

The bilateral free trade talks may be accelerated as China's domestic market continues to expand and the country is seeking more trade partners to oppose unilateralism and protectionism amid the trade war with the US, according to experts.

More imports from Australia are likely to enjoy a lower tariffs and a higher quota soon, experts said.

China's beef imports from Australia have topped 172,411 tons, exceeding the yearly quota on August 15 by 170,000 tons for 2019 under the agreement between the two countries, according to a note issued by the General Administration of Customs (GAC) on Monday.

Beef imports from Australia will be levied at the most-favored-nation tariff rate from August 17, said the note.

Although the beef exports from Australia exceeding the quota in 2019 will be levied at the most-favored-nation tariff rate, which is higher than the tariff rate under China and Australia's free trade agreement, the quota is expected to be lifted and the beef may enjoy a lower tariff in the future, Li Guoxiang, a research fellow at the Rural Development Institute of the Chinese Academy of Social Sciences, told the Global Times on Monday.

In 2018, the yearly quota was reached on December 27, generally in line with the original plan. Beef imports from Australia accounted for about 17 percent of China's total beef imports - 1.04 million tons that year.

Mercado chino triplicaría exportaciones de carne grainfed

20 de agosto de 2019 - Australia has the opportunity to triple its exports of grain-fed beef to China by 2030 to satisfy the nation's growing appetite for the highly marbled meat, according to Rabobank Group.

Rising consumption in Asia, particularly in China, could drive a 65% increase in Australian grain-fed beef exports to more than 500,000 tons in about a decade, the bank said in a report. Shipments to China alone could surge to almost 200,000 tons from about 50,000 tons now, it said.

China's demand for beef will keep expanding and with limited growth in local output, imports will play a larger role, according to senior animal proteins analyst Angus Gidley-Baird. While the backbone of the Australian beef industry will remain grass-based, grain feeding will become more important.

Consumers in Asian markets have a strong affinity with highly marbled, grain-fed beef as it suits their palate and cuisine. This type of meat may account for 20% of China's beef imports by 2030, compared with an estimated 6% now, given projections for income growth, per capita consumption and food service trends, according to the report.

Other major exporters such as the U.S. and Canada are also expected to increase shipments, but given the potential growth in the Chinese market, "there will be enough room for everyone," said Gidley-Baird.

VARIOS

CHINA perdió 32,2% de su stock de cerdos

21/08/2019 - Peste porcina hará subir más el precio de la materia prima.

El Ministerio de Agricultura de China informó la semana pasada que el censo de porcino del país se ha visto reducido en un 32,2% respecto a julio de 2018. El número de cerdas reproductoras cayó un 31,9 por ciento en julio, justo un año después de registrar el primer brote de peste porcina africana (PPA).

La disminución de cerdos y cerdas el mes pasado es significativamente mayor que en junio, cuando el rebaño de cerdos se encogió un 25,8% y el número de cerdas cayó un 26,7%. Sin embargo, las



estimaciones de la industria sugieren que el censo puede haberse contraído mucho más, y algunos decían que la disminución era del 50%.

“El censo porcino aún no ha alcanzado su nivel más bajo. Caerá aún más en la segunda mitad del año”, dijo Zhang Liwei, analista senior del Centro Nacional de Información de Granos y Petróleo de China. Dijo que la disminución afectaría aún más la demanda de harina de soja, que ya está bajo presión.

El creciente déficit de carne de cerdo ha elevado los precios de cerdo vivo de China por encima del récord de 2016, con el promedio nacional de 23,49 yuanes (3,34 dólares/kg). Los analistas también esperan que los precios del cerdo excedan los niveles récord en los próximos meses.

COREA DEL SUR exporta carne premium a HONG KONG

20 August 2019 SOUTH KOREA - The Hanwoo Board plans to build a stronger distributor network and boost sales of premium Korean beef, called hanwoo, in Hong Kong, which was the biggest importer in 2018, the quasi-government body said Tuesday.

Hanwoo, which refers to cattle born and raised in Korea, ranks as one of the most desirable gifts for Korean holiday seasons such as Lunar New Year or Chuseok. The Hanwoo Board was set up in 2005 to promote sales of Korea's home-grown beef.

According to the Hanwoo Board, exports of hanwoo to Hong Kong have been increasing by an average of 11 percent each year since 2016. The total export volume in 2018 was 65.2 tons, up 14 percent from a year earlier.

The board official said that hanwoo has been gaining wide popularity among Hong Kong citizens as "premium" meat since it was first introduced in 2015.

JAPÓN consumo y las importaciones de carne vacuna seguirán firmes

22 de agosto de 2019 El consumo y las importaciones de carne vacuna seguirán firmes en Japón

El consumo de carne vacuna de Japón aumentará un 3% en 2019 de 865.000 toneladas a 890.000 toneladas y se mantendrá en esos niveles durante 2020 según el reporte anual del USDA sobre Ganado y Carne de Japón.

El mayor consumo, junto con una reducción de la producción impulsarán las importaciones de carne vacuna en 2019 y 2020 a 890.000 toneladas, un incremento de 3% respecto a 2018 y de 28% en los últimos 10 años. En el primer semestre de 2019, las importaciones de carne vacuna de Japón aumentaron 4% interanual debido principalmente al crecimiento de EEUU, Canadá y Nueva Zelanda.

Según informó el USDA, las importaciones de Australia -el líder del mercado nipón- seguirán siendo limitadas a corto plazo debido a las condiciones de sequía que limitan el suministro y a la mayor competencia de las importaciones de otros mercados, especialmente China.

Consumo

A pesar de que la población se contrae entre un 0,1% - 0,2% anual, el consumo de carne per cápita ha aumentado lo suficiente como para producir un crecimiento positivo de la demanda. Según el Ministerio de Asuntos Internos y Comunicaciones del país asiático, el consumo anual per cápita de carne aumentó un 9,6% entre 2015 y 2018, pasando de 2 a 2,28 kilos. Si bien esto marca la tasa más alta de consumo desde 2009, se mantiene muy por debajo de los niveles anteriores a 2001 (cuando la demanda se desplomó luego de la detección de encefalopatía espongiforme bovina) de 3 kilos per cápita, lo que sugiere que hay espacio para un mayor crecimiento.

EMPRESARIAS

Empresa ADP Carne con datos gana espacio en UE

18/08/2019 - ya mandó dos contenedores y prepara otro; busca abrir más mercados.

Los cortes bovinos, desosados, envasados al vacío, con marca propia (ADP Meat) y trazabilidad ampliada, continúan ganando consumidores en la Unión Europea.

Tras conquistar restaurantes de elite de Alemania, España e Italia, así como algunas góndolas de cadenas de supermercados de alto valor, Agronegocios del Plata sondea la posibilidad de abrir otro destino -incluso fuera de la Unión Europea- para colocar sus cortes con información agregada.

La empresa de capitales uruguayos envió su primer contenedor con la carne procedente de ganados terminados en sus corrales de engorde a la Unión Europea en abril, colocándose los cortes rápidamente en Alemania e Ibiza. Posteriormente, en julio se embarcó el segundo contenedor, esta vez, con destino a Italia. Ahora preparan un tercer envío con nuevos desafíos de mercado.

Sofía Guigou, responsable de comunicación institucional de ADP, que también está especializada en marketing y publicidad, dijo a El País que tienen “un fuerte convencimiento de que la carne con marca e información, vale más y si había un mercado que podía valorarlo era la Unión Europea”.



La empresaria contó que ADP logró este sueño de valorizar su producción de carne e innovar en productos con mayor valor agregado recién este año, pero “hace tiempo que venimos con la idea de llevarlo a cabo. Ya vamos por el segundo contenedor y estamos pensando en un tercero”, agregó. Los embarcados son contenedores de 20 pies con 10.000 kilos de carne cada uno.

A la Unión Europea, donde se destaca el mercado alemán, van los cortes de mayor valor de la res (lomo, bifés y cuadril) y los consumidores están especialmente preocupados por la información de los productos, valorando atributos como el bienestar animal, el respeto por el medio ambiente y la sanidad.

Los cortes exportados por ADP proceden de ganados terminados donde el pasto representa el 85% del ciclo de engorde y la terminación a granos apenas el 15%. “La carne que está exportando ADP se diferencia, además de por su alta calidad, por la información que tiene cada corte”, explicó Sofía Guigou.

Diferencia.

Cada paquete de carne tiene trazabilidad individual, avalada por un código QR en el que se incluye información sobre el lote, el corte en particular y la trazabilidad. La empresaria uruguaya explicó que en el caso de ADP “la trazabilidad no es sólo del ganado, sino que llega hasta los granos que consumió ese animal durante su fase de terminación hasta quedar listo para ser enviado a frigorífico”.

Cabe recordar que Uruguay es el único país en el mundo con trazabilidad obligatoria en todo su rodeo bovino. Sumado a la calidad del ganado y al agregado de valor en cada corte, potencian el esfuerzo de salir al mundo con la mayor calidad, pero siempre apuntando a la diferenciación.

“El consumidor puede acceder a fotos del animal, a datos de cómo fue criado, dónde se produjeron los granos que comió y mucha más información” que le brinda tranquilidad al momento de comprar.

El distribuidor en la Unión Europea de estos cortes es Lafina y la empresa uruguaya envía un contenedor cada tres meses. En el mercado pueden encontrarse 9 cortes premium que son los más valorados, el resto del animal queda en Uruguay para ser comercializado.

“Venimos probando paso a paso. Los dos primeros contenedores se vendieron en Alemania y a circuitos de restaurante, es una demanda que ya teníamos, que ya habíamos creado con el primer contenedor. Sumamos ahora un supermercado de una prestigiosa cadena en Italia”, contó Guigou a El País.

Agronegocios del Plata siempre está tratando de innovar y siempre está dispuesta a enfrentar los desafíos.

“Queremos enviar más volumen y abrir nuevos mercados dentro de la Unión Europea o incluso fuera del continente. Estamos incursionando en eso”, agregó la empresaria.

Expectativa.

El mundo está preocupado por el respeto del bienestar animal y del medio ambiente al momento de producir alimentos, pero lo que es más importante, hay generaciones de consumidores que están dispuestos a pagar más por productos que cuentan con certificaciones adicionales que les brinden mayor tranquilidad de que esos atributos son respetados. Es por eso que ADP no descarta poder valorizar más su carne con marca en la Unión Europea.

“Cuando tengamos más volumen y hayamos probado agregar más información para poder subir más el precio, lo sabremos”, dice la responsable de comunicación institucional de ADP, siempre remarcando que en este camino de valorización de producto y desafíos, “se va paso a paso”.

Por ahora, la empresa está testeando la respuesta del mercado, incluso de los consumidores finales que se acercan a las góndolas para comprar los cortes uruguayos. En base a esa información se continuará avanzando. “El perfil del consumidor es premium, es gente que sabe mucho de carne, que busca un producto diferente”, explicó Guigou.

El lanzamiento de los cortes se hizo con un chef muy reconocido en Alemania que estuvo haciendo distintas preparaciones. Ahí asistieron otros profesionales referentes de la gastronomía que son los cabezas de cada restaurante.

“En góndola ahora están testeando quienes son los consumidores que compran y con cuánta frecuencia”, destacó la empresaria uruguaya.

Para ADP es un desafío grande, porque siempre exportó productos que son comodines agrícolas y ahora se apunta “a productos diferenciados y con alto valor agregado. Por ahora estamos contentos con el resultado”, destacó Sofía Guigou.

Grupo JBS reafirmó planes de expansión

21/08/2019 - Los resultados del segundo trimestre fueron más altos.

El gigante mundial de la carne, el grupo JBS superó el trauma financiero y de credibilidad por la denuncia de los hermanos Joesley y Wesley Batista. Según publicó Faxcarne, la semana pasada, sus ejecutivos hicieron públicas sus ambiciones. La casa está ordenada y ahora es preciso ir de compras para acelerar el camino de crecimiento.

“El crecimiento exclusivamente orgánico dejó de ser una prioridad”, dijo el CEO de JBS Global, Gilberto Tomazoni, durante una conferencia telefónica con analistas sobre los resultados del segundo trimestre publicados la semana pasada. Para aprovechar el proceso de adquisiciones, JBS prevé listar las



operaciones en el exterior en una bolsa de Estados Unidos. Este es un viejo sueño de los fundadores del grupo, archivado desde la crisis política por la trama de corrupción en Brasil, informó el diario brasileño Valor.

Entonada por los resultados del segundo trimestre (ingresos netos por R\$ 2.200 millones), que fueron más altos de lo esperado por el mercado, los planes de JBS entusiasmaron a los inversores.

Según Faxcarne, incluso en un piso comercial turbulento, dominado por los temores de una posible recesión global, las acciones de la empresa repuntaron fuerte la pasada semana. Desde que comenzó el año el precio de las acciones de JBS gozó de una consistente valorización, cotizando ahora alrededor de 150% por encima de fines de 2018.